

# A CONCEITUAÇÃO DA PAISAGEM

Messias Modesto dos PASSOS\*

## Introdução

A laboriosa emergência da paisagem, na experiência das relações artísticas com o meio ambiente, ficou confidencial durante a quase totalidade da história das civilizações. Pintura<sup>1</sup>, literatura<sup>2</sup>, arte dos jardins<sup>3</sup> foram, por essência, elitistas e, à exceção dos jardins japoneses, não se vulgarizaram antes do fim do século XIX e início do século XX. A idéia de paisagem, mais ou menos bem abordada segundo os tempos, os lugares e as disciplinas, ficou por muito tempo um negócio de iniciados.

A possibilidade de deslocamentos mais rápidos, as epopéias coloniais, a aparição e a difusão da fotografia, o papel da imprensa, o acesso aos romances de aventuras ou regionalistas, a tomada de consciência das agressões das quais as paisagens são vítimas, etc, levam à tomada de consciência coletiva da noção comum de paisagem.

A partir do século XIX, o termo *paisagem* é profundamente utilizado em Geografia e, em geral, se concebe como o conjunto de "formas" que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre. A partir desta concepção que considera puramente as formas, o que se distingue é a heterogeneidade da homogeneidade, de modo que se pode analisar os elementos em função de sua forma e magnitude e, assim, obter uma

\* Docente do programa de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

<sup>1</sup> Ao final do século XV, aparece a acepção do termo *paisagem*, dentro da linguagem "dos cultivadores das artes pictóricas". Sua origem encontra-se na Escola de paisagistas holandeses. Albert Durer, ainda que sendo, basicamente, autor de retratos, se auto-definiu como um pintor de paisagens ou paisagista. A apreensão dos dados do meio ambiente pelas artes gráficas fornece uma iluminação particular à questão da paisagem. Em primeiro lugar, a informação de que existe uma concepção e uma prática que não tem nada a ver com a definição de uma entidade objetiva. A paisagem da pintura não é uma descrição, uma contabilidade analítica; ela não resulta da representação positiva de uma combinação de objetos rigorosamente materiais. Esta constatação revela uma das duas vias de abordagem do fenômeno paisagem: *aquela que, nas relações do homem com seu meio, privilegia a subjetividade; e, em segundo lugar, a lição de que esta subjetividade se exprime de maneiras diferentes, seguindo os tempos e as áreas culturais*. Sobre esta temática, recomendo a leitura de "A AMÉRICA DE RUGENDAS" (Diener, Pablo, São Paulo: Kosmos, 1999).

<sup>2</sup> Antes do século XVIII aparece, na literatura, a intenção deliberada de evocar as paisagens. A poesia e o teatro, tanto do Ocidente como do Oriente, apelavam à decoração artificial, simbólicas, místicas ou alegóricas. A verdadeira abertura no tema paisagem se dá antes do fim do século XIX. A poesia parnasiana faz dela tema exclusivo; no entanto, é com o romance de aventuras e o romance regionalista que a paisagem ganha espaço na literatura.

<sup>3</sup> A "arte dos jardins" representou e, de certa forma ainda representa, o mais constante e o mais universal meio de expressão de uma certa visão da organização paisagista do meio ambiente humano. Sua história desenvolveu-se mais regularmente a partir de três grandes vias de dispersão: o Mundo Mediterrâneo, o Oriente-Próximo árido e a China. As migrações das civilizações da aridez, - entre os séculos VIII e XV - desde os jardins da Índia de um lado, e aqueles do Maghreb de outro, até aos jardins morescos da Espanha: Granada, Cardiz e Toledo, desenvolveram a fórmula, regra geral, utilitária e estética, fundada sobre a escolha e a valorização dos elementos benéficos de um meio ambiente frequentemente hostil. Oásis em miniatura, eles se apresentam como abrigos onde se pode usufruir da água, da sombra e de frutos ou flores. Importada da China, - ao mesmo tempo que a pintura de paisagens e o budismo -, a arte dos jardins chega ao Japão no século V, onde vai conhecer o prestigioso destino que se sabe. No Japão, a arte dos jardins é concebida para satisfazer uma triplice aspiração: contacto com a natureza, paz e conforto espiritual.

classificação de paisagens: morfológicas, vegetais, agrárias, etc. Esse conceito de paisagem foi introduzido na Geografia alemã com a denominação de *Landschaft*, entendendo exatamente por este termo o conjunto de elementos observados desde um ponto alto.

A concepção da paisagem vai se ampliando graças à sua própria análise. Surgem problemas tais como os conceitos de heterogeneidade e homogeneidade em relação com a escala, complexidade e globalidade das formas da superfície terrestre, o que conduz cientistas e naturalistas a uma reflexão cada vez mais profunda acerca da estrutura e organização da superfície terrestre em seu conjunto.

A definição de Natureza, adotada por Humboldt, está perfeitamente adaptada ao conceito de paisagem integrada: A Natureza é "o que cresce e se desenvolve perpetuamente, o que só vive por uma mudança contínua de formas e de movimento interior".

A segunda metade do século XIX e a primeira do século XX representam para a concepção científica da paisagem o período do estabelecimento da maior parte de suas bases teóricas.

J.C.H. Smuts criou a doutrina denominada de *holismo* (*Holism and evolution*, 1926), segundo a qual, o universo, e também suas partes constituintes, têm tendência a originar unidades que formam um todo (*holos*, palavra grega que significa totalidade) de complicação crescente.

## A paisagem, realidade concreta

A recuperação e utilização do conceito de paisagem observadas neste século e, principalmente, nos últimos anos, têm motivado numerosos trabalhos a seu respeito. Muitos desses trabalhos, sobretudo os que se preocuparam com uma definição nova, mais moderna e principalmente, "mais científica", relacionam-se, de uma forma ou de outra, com a linha da tradicional escola francesa liderada por Vidal de La Blache. Por outro lado, os geógrafos que se dedicam à *Ciência da Paisagem*, consideram-na divorciada da Geografia Regional por uma *ruptura epistemológica*, determinada pela *revolução sistêmica* experimentada pela generalidade das ciências.

O certo é que uma corrente significativa da Geografia incluiu em seu próprio esquema teórico-metodológico o conceito de paisagem, como a expressão total do objeto básico de seu estudo, com a pretensão de valorizar o *fundamental* e, portanto, de unificar a Geografia e, ainda, de torná-la *aplicável*, de modo a projetá-la como uma ciência prática; a escola alemã de Troll (*Landschaft*); a soviética, preocupada com uma análise sistemática da paisagem para sua melhor ordenação; a anglo-saxônica, que a estrutura a partir das técnicas quantitativas e a francesa, com Bertrand como impulsor, que a classifica em função da taxonomia e da dinâmica.

Assim, os ecólogos falam de *paisagem ecológica* ou, em sentido mais geográfico, de *ecologia da paisagem*; a Fitossociologia classifica fisionomicamente a *paisagem vegetal* (Braun Blanquet, 1979) e, as Ciências Humanas chegam a estudar a *paisagem social*...

A paisagem conceitualiza-se como um sistema. No entanto, é preciso rechaçar a proposição de diferentes autores de substituir a palavra *paisagem* pela de *geossistema* ou de *ecossistema*, já que esses termos se reservam para conceitos diferentes. Concretamente, o *geossistema* é o sistema modelo da paisagem e o *ecossistema* corresponde ao sistema modelo da parte biótica do geossistema.

"A paisagem é, desde a origem, um produto socializado" (Bertrand 1978).

Na definição de paisagem fica claro a existência de três elementos fundamentais: as características do geossistema que os definem, o tamanho referido a uma escala espacial e o período de tempo considerado na escala temporal.

A conceitualização da paisagem como um objeto de pesquisa próprio e generalizado, foi definida somente recentemente, graças a uma conjunção de dados científicos exteriores à Geografia:

- o desenvolvimento da teoria e da reflexão *epistemológica* em todas as pesquisas ditas "de ponta", muito particularmente em Biologia e em ligação estreita com os problemas de semântica e de classificação;
- a vulgarização dos métodos *matemáticos* e *informáticos* que permite tratar rapidamente dados múltiplos e de aparência heteroclitica pelo viés das análises multivariadas;
- os progressos da *Ecologia* de síntese ou biocenótica que autorizaram o estudo global da Biosfera com ajuda de um pequeno número de conceitos integradores simples (ecossistema, biocenose, biotopo, cadeia trófica, etc.);
- a contribuição das *escolas geográficas* que desenvolveram estudos integrados, práticos ou teóricos, qualitativos ou quantitativos (ex U.R.S.S., Europa de Leste, Austrália, Canadá, etc.);
- sobre o plano técnico, a generalização da *photo-interpretation* e o avanço da *teledeteccção* que fornecem documentos particularmente adaptados ao exame global das paisagens;
- enfim, não se entenderia o desenvolvimento da *Ciência da Paisagem* fora dos problemas do *meio ambiente*, da *organização dos recursos naturais* e da *proteção da natureza* que colocam, em termos novos e graves, a questão das relações entre os indivíduos, as sociedades e os meios ecológicos.

Pode-se distinguir provisoriamente, duas grandes correntes de pesquisa cujos métodos e sobretudo finalidades são diferentes.

A primeira corrente define a paisagem como um *espaço subjetivo, sentido e vivido*. É a via escolhida pelos arquitetos, psicólogos, sociólogos e alguns geógrafos.

A segunda considera a paisagem em si mesmo e para ela mesma, numa *perspectiva essencialmente ecológica*. Esta via de pesquisa situa-se na confluência da Geografia e da Ecologia; combina as tentativas globais e setoriais, qualitativas e quantitativas e apoia-se sobre as cartografias integradas com diferentes escalas ( de 1\50.000 a 1\200.000).

## Conceito de Paisagem

É mais fácil e cômodo dizermos o que não é paisagem do que conceituá-la com precisão.

Inicialmente, e preciso admitirmos uma *definição polissêmica*, embora não concordando com o abuso de linguagem e de misturas de gêneros. As duas maiores dificuldades para uma definição da paisagem estão na *hipertrofia* da utilização do termo e

nas *acepções redutoras*: nós os encontramos em todos os meios, desde o homem da rua até os cientistas mais especializados na matéria.

Muito freqüentemente, a opinião pública e a imprensa, de modo geral, confundem paisagem e natureza: isto se explica em grande parte pela sensibilidade ecológica atual e pela "sacralização objetiva de uma natureza mítica".

Mas a natureza não é a paisagem. De um lado, a natureza existe em si, enquanto que a paisagem existe somente em relação ao homem, na medida em que este a percebe e a elabora historicamente... De outro lado, a natureza é uma extensão sem nome, enquanto que a paisagem está ligada a um lugar e é personalizada por ele, isto é, "*uma extensão natural [...] não faz paisagem senão quando nós destacamos um fragmento*" (Cauquelin, 1983).

É bom lembrar que algumas propostas "científicas" que colocam a paisagem em modelos, tentando passar a impressão de que o modelo é a paisagem, estão equivocadas..., pois, o modelo é tão somente uma ferramenta, jamais a paisagem, muitas vezes indispensável à pesquisa paisagística. Outro equívoco comum é considerar a teledetecção, aérea ou satelitar, como paisagem, visto que as imagens satelitares são tão somente documentos de abordagem contendo uma informação que é preciso interpretar para saber do que é feita a paisagem.

Quando a ecologia é engajada nas operações de organização do espaço, observa-se uma confusão na definição dos termos: meio e paisagem. Na verdade, o meio e a paisagem são entidades diferentes deste espaço, uma e outra interessante para se conhecer a sua organização, mas elas não coincidem necessariamente... Elas não têm a mesma definição: o meio natural é um complexo, cuja organização repousa sobre inter-relações materiais e energéticas; a paisagem, um complexo cuja organização repousa sobre as relações do homem com ele.

Numa outra ótica, os geógrafos "modernos", com o objetivo de tornar a paisagem um objeto de pesquisa autenticamente científico e de se distanciarem das armadilhas da percepção e da subjetividade, praticaram o equívoco de conceituarem a paisagem como uma entidade puramente objetiva.

Esses geógrafos visam colocar em evidência uma organização dos elementos da paisagem que seja independente do olhar próprio do observador. A aplicação desta regra valeu aos Países do Leste, o imponente monumento da *Landschaftovedenie* apoiada sobre os valores fechados da *Landschaft* ou do *geossistema*.

O termo *paisagem* foi ofuscado em alguns momentos pelo termo *geossistema*, sobretudo onde a Teoria dos Sistemas foi mais claramente aplicada às pesquisas geográficas, o que seria lógico, visto que o objeto de estudo estava limitado à organização sistêmica de um complexo material, expresso por sua estrutura e seu funcionamento.

Após o interesse dos anos setenta, a noção de geossistema perdeu seu peso na década seguinte – onde se deu o confronto entre as abordagens sistêmicas e aquelas ligadas ao qualitativo e ao subjetivo –, até mesmo na Europa de Leste!

Através dos tempos, na relação familiar das sociedades com seu meio ambiente e na maneira de representá-la, quer na prática dos jardineiros de ontem, como na dos "gestores territoriais" de hoje, quer na reflexão dos cientistas da natureza ou da sociedade e, mais precisamente, naquela dos geógrafos que vâgam de uma à outra, a definição da paisagem tropeçou tropeça na ambigüidade.

Esta continua oscilação entre uma definição cultural e estética do termo e, uma outra apreensão mais objetiva é somente uma repetição, entre as milhares, da dualidade já constatada entre a *paisagem-região* e a *paisagem-espetáculo* estético.

"Assim, uma paisagem é tanto o que se vê, como o que é sentido diferentemente pelos homens..." (Brunet, 1974). Abordada desta maneira, a questão da paisagem explicita duas ordens de critérios: aqueles que ressaltam as relações visuais entre espectador e espetáculo e aqueles que ressaltam os atributos intrínsecos dos elementos visíveis e das relações que existem entre eles. Nessa distinção, encontram-se relações do mundo, entre sistemas egocentrados e sistemas de extensão cartesiana, independente do observador e, compreende-se, como uma paisagem se diferencia de um espaço.

Tudo se resume, em suma, a uma interface entre o suporte material e o homem que o percebe, o investe de sua subjetividade e o utiliza segundo sua intencionalidade própria.

Ainda que, na apreensão do meio ambiente, intervenha o conjunto dos processos senso-motores, deve-se admitir que a paisagem se define primeiramente como um espetáculo. Ela é, segundo Brunet (1974) "*a aparência, o reflexo de uma estrutura espacial*". Ela é mais precisamente, "*às vezes, construção da natureza, do homem e do espírito do homem*" (Pelletier, 1984). Ela é, para Sautter (1979), conceito, enquanto concerne a captação objetiva do suporte material, e representação, enquanto ressalta a intervenção subjetiva do receptor.

Podemos concluir, chamando a atenção para duas posições opostas de se ver a paisagem de um lado, estão aqueles que acreditam na eficácia da interpretação dos sinais, dos quais ela é portadora, – seja esta interpretação efetuada a maneira da Geografia Clássica, ou segundo as regras inspiradas da semiótica contemporânea. De outro lado, estão aqueles que, a exemplo de R. Brunet ou sobretudo CL. Raffestin e J. P. Guérin, rejeitam a idéia de uma interpretação semiológica pertinente e acreditam somente no interesse do vivido e das representações.

Acreditamos que a percepção da paisagem reclama a combinação de dois pontos de vista, pois, *a paisagem se encontra, precisamente, na encruzilhada dos sinais e das laços*: os sinais, ligados às estruturas dos sistemas naturais e aos impactos sobre eles das projeções de representações sociais ou individuais, e os laços, sobre os quais repousam a organização dos sistemas e o vivido das paisagens.

A paisagem está estreitamente ligada à história da geografia francesa e particularmente àquela de seus desenvolvimentos recentes. A emergência da paisagem participa de uma renovação da pesquisa na interface da sociedade e da natureza. Esta emergência está misturada com outras tentativas que, sem estarem diretamente ligadas à paisagem, situam-se às suas margens (análises integradas dos meios "naturais", pesquisas sobre o meio ambiente e estudos de impacto, espaços vividos e/ou percebidos, noções de território, de país, etc.).

A escola geográfica francesa-vidaliana usou e abusou da descrição, para ressaltar os traços singulares da paisagem, no intuito de delimitar e caracterizar a *região geográfica*.

Na abordagem vidaliana, o estudo da paisagem repousa sobre um quadro rigoroso a base de análises históricas, de referências geológicas e climáticas, de pesquisas pessoais sobre os relevos, enfim, sobre pesquisas e cálculos estatísticos. A fotografia e sobretudo a familiaridade com os mapas e com a cartografia multiplicam as referências à paisagem e diversificam as escalas de percepção e os ângulos de visão. Trata-se pois, de uma descrição enriquecida, quase de uma descrição pseudo-paisagística. É um monumental

quadro geográfico, homogêneo, exaustivo, rico de observações e de uma excessiva apresentação literária. A descrição das regiões geográficas sustentava-se, sobretudo, na aparência das coisas, *deixando na sombra as infraestruturas e seus funcionamentos*. Esse painel fez, durante mais de cinquenta anos, o renome da escola geográfica francesa

La Blache e seus seguidores, esforçavam-se em fazer ressaltar a *individualidade* regional, a descrição se fechava no *excepcionalismo* e bloqueava toda tentativa de conceitualização da paisagem, todo esforço para se chegar até leis gerais. Não se encontra na França um paradigma paisagístico equivalente à *landschaftkunde* que, a despeito de suas fraquezas, assegurou, através da *landschaftökologie*, algumas bases dos "estudos integrados dos meios naturais" (geossistemas)

A partir de 1914 e sobretudo após 1950, assiste-se a isto que WIEBER chama o "*fin des terroirs*" as paisagens rurais tradicionais francesas são transformadas ou destruídas, e aquelas que subsistem são impróprias a modernização da agricultura

A renovação científica é desfavorável aos estudos paisagísticos que, em nome do materialismo científico e do espírito de análise, são julgados muito complexos e muito subjetivos. A Geografia Física separa-se da Geografia Humana e a Geografia Regional se desagraja

O desenvolvimento de um movimento ecológico confuso, mas potente faz acompanhar-se de uma vigorosa reabilitação social das paisagens ditas *naturais*. Os geógrafos deixam os ecologistas, os urbanistas e os agrônomos proporem e realizarem os primeiros estudos paisagísticos. Entretanto, sobre o plano científico, novos paradigmas testados em Matemática, Linguística, Biologia e Ecologia permitem abordar a natureza da paisagem na sua globalidade e na sua complexidade (análise de sistema e modelização, teledeteção, informática, etc.)

São os especialistas em Geografia Física, primeiramente os biogeógrafos próximos das Ciências Biológicas (G. Rougerie, G. Bertrand), seguidos dos geomorfólogos – confrontados com problemas de organização do espaço – (J. Tricart) que avançam na *matrização* e na análise das paisagens e/ou dos meios "naturais".

A maioria dos geógrafos situa a paisagem na interface da natureza e da sociedade. De um lado, eles reconhecem sua materialidade, isto é, a existência de uma estrutura e de um funcionamento próprios aos corpos naturais que a constituem, de outro lado, eles afirmam que o *status paisagístico* destes corpos naturais é determinado pelo sistema de produção econômica e cultural, cujos efeitos diferem segundo as "produções" e os grupos sociais. A dimensão social e histórica da paisagem está claramente afirmada e a percepção está englobada no conjunto do processo social.

Certo número de pesquisadores se dedica a "traduzir" em termos sócio-culturais, os caracteres próprios dos "*meios naturais*" ou dos geossistemas. Estas colocações de tipo dialético, não deterministas (pelo menos no sentido da geografia clássica) consideram a diversidade no tempo e no espaço dos grupos sociais e restituem as paisagens, tanto seu conteúdo cultural como seu uso econômico.

A "*nova geografia*", dos anos setenta, considera a paisagem como um resíduo ou uma ressurgência da geografia descritiva, subjetiva, "ruralista" e conservadora e, então, a rejeita.

O conceito de paisagem é um tanto vago e polissêmico. Observemos algumas contribuições a este respeito.

*... Tal é o caso de certos geoquímicos que, entre outros, falam da geoquímica da paisagem para designar aquilo que, na realidade,*

nada mais é do que a influência da geomorfologia, e talvez apenas da topografia, sobre a circulação e o comportamento das substâncias dissolvidas. A palavra paisagem é, nesse caso, vítima de sua vinculação ao vocabulário comum: ela não é bastante esotérica... Sem dúvida, o relevo é um elemento certamente importante da paisagem. Nos países da América do Sul, os termos populares, designando tipos de meios naturais, associam, habitualmente e de maneira indissolúvel, uma noção de relevo a uma noção de vegetação e, em torno desses dois elementos nodais, uma série de conotações dirigidas ao clima, aos solos e à inserção dos Homens no meio ambiente. Na Colômbia, na Venezuela, o "páramo" é um andar montanhês supraflorestal, com uma vegetação arbustiva, rica em plantas endêmicas de relevo pouco acidentado, dominando vales profundos e sobrepujados por montanhas (sierras). No Peru e na Bolívia, o mesmo andar com a mesma topografia, constitui a "puna", onde brotam tufos de "ichu" - herba coriácea que é o alimento da lhama. No Brasil, os "tabuleiros" são baixos platôs litorâneos, onde os solos arenosos infligem um regime hídrico que impede o crescimento da floresta. A vegetação é uma formação arbustiva, com algumas árvores, arbustos, gramíneas. O conceito de "tabuleiro" associa tão estreitamente o relevo à cobertura vegetal que, quando se quer falar apenas dessa última, é-se obrigado a utilizar a expressão "vegetação de tabuleiro". Na França, o termo "paysage" deriva do termo "pays", que tem uma forte conotação territorial. O mesmo do alemão "Landschaft" e "Land", que designam os estados cuja associação forma a República Federal. P. VIDAL DE LA BLACHE fundou a Geografia Regional sobre o estudo dos "pays" tradicionais da França. Mas, entre nós, são o relevo e os solos que, como ele, derivam da evolução geomorfológica, que se constituem em características determinantes. A vegetação intervém graças a condições ecológicamente menos restritivas, exceto nas montanhas. Talvez seja essa, pelo menos em parte, uma das razões do lugar preponderante, às vezes excessivamente predominante, conquistado pela geomorfologia na Geografia Física francesa. Somos levados a pensar assim, quando consideramos a evolução dessas idéias na Rússia, na mesma época. DOUKUCHAEV fundou a pedologia sobre a noção de paisagem. Mas, trabalhando sobre a planície russa, de relevo medíocre e monótono, referiu-se exclusivamente ao clima, à vegetação, veículos de uma primeira classificação dos solos.

A lembrança desses dados bem conhecidos permite-nos destacar uma problemática. Quais são as relações conceituais e metodológicas que existem entre as unidades ecológicas (os ecossistemas), os padrões de relevo (a fisionomia) e as paisagens?

.....

Em inglês (Landscape), em alemão (Landschaft) e em francês (Paysage), existem termos equivalentes da língua corrente. Mas em inglês a palavra "landscape" não tem significado científico particular.

*Em alemão, ao contrário, "Landschaft" também é um termo erudito, utilizado principalmente pelos geógrafos.*

*Na segunda metade do século XIX, na mesma época que W. M. DAVIES publicava os principais elementos de sua teoria, os estudiosos alemães da Geografia Física utilizavam corretamente o termo "Landschaft". Sob influência deles o termo passou tal e qual para o vocabulário dos nossos colegas russos. Para os geógrafos alemães, geralmente nutridos de ciências naturais, a paisagem compõe-se de diversos elementos concretos do ambiente: relevo, plantas, solos. Mas eles não registram as modificações introduzidas pelo homem e, se for o caso, eles distinguem entre a paisagem natural (Naturlandschaft) e a paisagem humanizada (Kulturlandschaft), que não pode ter nada de natural. A palavra "Landschaft" foi, em seguida, de uso corriqueiro entre os geógrafos alemães. Ela foi, e ainda é, utilizada para designar os aspectos concretos da realidade geográfica, aqueles que se descrevem ao se percorrer uma região. No todo, seu emprego científico pouco difere do sentido pelo qual é utilizado na linguagem comum, o que é uma considerável vantagem.*

*Em França, foi tardiamente, e pelo viés da Geografia Regional, que o termo foi introduzido. Nos seus cursos, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, A. CHOLLEY descrevia e classificava em tipos um certo número de paisagens francesas. A constatação desses aspectos concretos, muito cuidadosamente apresentados, servia-lhe para propor os problemas regionais. Era uma tomada de consciência que permitia, em seguida, a análise dos mecanismos explicativos, a pesquisa de uma dinâmica cujo desenrolar era acompanhado, na medida do possível, graças à própria modificação das paisagens. Ao mesmo tempo em que o inglês TANSLEY, ele insistia sobre as interações que se entrelaçam no centro dos "complexos geográficos" e que se traduzem na paisagem. A abordagem era sistêmica, mas a palavra sistema não era pronunciada, ao contrário do que fez TANSLEY. A percepção metodológica do problema era equivalente.*

*A noção de paisagem diferencia-se desde então, do senso comum do termo. Este permanece puramente descritivo e vago, pois que não existe necessidade de precisar na paisagem, os elementos que a constituem. Paisagem pode descrever um conteúdo emotivo, estético, intrinsecamente subjetivo do próprio fato. Os "paisagistas" dispõem de plantas, pedras, rochedos num propósito puramente ornamental...*

*Ao contrário, o conceito científico de paisagem abrange uma realidade que reflete as profundas relações, freqüentemente não visíveis, entre seus elementos. A pesquisa dessas relações é um tema de investigação regida pelas regras do método científico. Que nos seja permitido para facilitar a compreensão de paisagem o uso de uma metáfora possivelmente desgastada: a paisagem, na acepção vulgar do termo, nada mais é do que a parte emersa do "iceberg". Ao pesquisador, cabe estudar toda a parte escondida para compreender a parte revelada".*



J.-P. Deffontaines (1973), propôs a seguinte definição de paisagem:

"A paisagem é o suporte de uma informação original sobre numerosas variáveis relativas notadamente aos sistemas de produção e cuja superposição ou vizinhança, revelam ou sugerem interações". (In: Jean L. F. Tricart, F.F.J.,C.H. Departamento de Geografia USP - Textos Básicos, São Paulo, 1981).

Tricart (1981) acrescenta, a definição de Deffontaines, a palavra "dado" e substitui "ações" por "interações" para afirmar que:

"Uma paisagem é uma dada porção perceptível a um observador onde se inscreve uma combinação de fatos visíveis e invisíveis e interações as quais, num dado momento, não percebemos senão o resultado global".

Ha essencialmente duas maneiras de abordar o espaço que nos cerca, contendo as paisagens que nos interessam, aquela que toma o indivíduo como ponto de partida e aquela que considera o espaço como um objeto de observação.

A primeira maneira liga-se à filosofia que faz do Eu o centro do mundo. Isto que cada um de nós percebe diretamente, não é um espaço neutro, mas uma esfera imaginária de sinais, e de sinais pessoais.

A segunda maneira liga-se à filosofia da extensão cartesiana. Neste caso, o cientista adota a atitude de um observador voluntariamente desligado do espaço-objeto, que é, então, examinado *in vitro*.

Observemos algumas contribuições à abordagem da paisagem.

**G. BERTRAND:** "Uma paisagem é, por definição, uma porção do espaço material. A análise espacial joga pois um papel privilegiado, em particular na classificação dos meios" (*La "Science du Paysage", une "Science Diagonale", Revue Géographique des Pyrénées et du S.-O.*, avril, 1972, p. 127-34).

**O. DOLLFUS:** "A paisagem se define, isto é, ela se descreve e se explica partindo das formas, de sua morfologia (no sentido amplo). As formas resultam de dados do meio ambiente natural ou são as conseqüências da intervenção humana imprimindo sua marca sobre o espaço" (*L'Analyse Géographique, Paris, P.U.F.*, 1971, p. 9).

**E. JUILLARD:** "Desde longo tempo, uma das noções mais fecundas da Geografia é aquela das paisagens, isto é, uma combinação de traços físicos e humanos que dá a um território uma fisionomia própria, que o faz um conjunto senão uniforme, pelo menos caracterizado pela repetição habitual de certos traços" (*La Région. Essai de définition, Annales de Géographie, 1962, p. 483-99*).

**R. LEBEAU:** "As paisagens rurais - dizemos mais as paisagens agrárias - que nós temos sob os olhos, são a expressão deste esforço

*secular do homem de colocar a seu serviço a natureza vegetal e animal" (Les Grands Types de Structures Agraires dans le Monde, Paris, Masson, 1972, avant-propos).*

**A. MEYNIER:** "Tais são as quatro bases de toda classificação de paisagem agrária: densidade, traçados, utilização, cercas". (*Les Paysages Agraires, Paris, Colin, 1958, p. 8*).

**J.-L. PIVETEAU:** "Mas a Geografia possui igualmente um objeto próprio, exterior ao espírito: a paisagem terrestre. O geógrafo se ocupa desta zona de contato entre os lito-, hidro-, atmo-, bio-, e antroposfera que compõem a visão da terra". (*Plaidoyer pour la Géographie, Cahiers Pédologiques, Lausanne, 1965, p. 23-9*).

**M. SORRE:** "Os traços humanos das paisagens globais foram definidos... ao mesmo tempo por suas qualidades concretas, formas e cores, por sua posição e por sua área de extensão. Nós temos assim compreendido a que ponto estas duas noções, aquela de paisagem e aquela de região, estão ligadas ao espírito do geógrafo. O espaço ocupado entra na definição da paisagem e a paisagem é característica de uma certa porção do espaço geográfico... Ele nos sensibiliza por seus atributos concretos. A força deste laço é tal que na Alemanha não se dissociam as duas noções exprimidas por uma mesma palavra, *Landschaft*". (*L'Homme sur la Terre, Traité de Géographie Humaine, Paris, Hachette, 1961, 365 p*).

**G. ROUGERIE** "É cômodo definir a Geografia como o estudo das paisagens... Mas a tarefa é audaciosa. Uma paisagem é um todo que percebemos por meio dos sentidos e, então, para o compreender, devemos desvendar todas as relações causais" (*G. ROUGERIE, Géographie des paysages, Paris, P.U.F., 1969*).

Lembremos, uma vez mais, que o mérito de G. Bertrand reside no seu desejo de *ultrapassar os estágios da descrição e da classificação para atingir aquele da sistematização dos elementos da paisagem e de seus atributos*. Esse autor que preconiza um método "global" *a priori*, fundado sobre a dedução a partir de modelos, está inteiramente consciente do bloqueio atual da metodologia geográfica: "A Geografia Física, pelo menos aquela que se pratica habitualmente, repousa sobre uma considerável contradição interna: sintética por seu objeto, ela não o é freqüentemente no seu método. Ela tenta entender os conjuntos naturais a partir de passos setoriais (geomorfologia, climatologia, hidrologia, biogeografia...). A síntese intervém quase sempre *a posteriori*...

Aliás, trata-se mais frequentemente de uma síntese com finalidade geomorfológica que de uma apreensão global da paisagem"<sup>11</sup>

### A paisagem e os (des)encontros da Geografia Física

Sem a pretensão de efetuarmos uma avaliação crítica dos Simpósios de Geografia Física Aplicada, chamemos a atenção do tratamento dado à *paisagem* nos dois últimos simpósios realizados no Brasil:

- O VII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, realizado na cidade de Curitiba-PR, no período de 11 a 15 de outubro de 1997, com o tema "Tecnologia e Globalização: novos cenários, novas paisagens, nova sociedade... velha ciência?;
- O VIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, realizado na cidade de Belo Horizonte-MG, no período de 26 a 31 de outubro de 1999, com o tema "Recursos Naturais, conflitos e soluções".

O tema da Conferência de Abertura do Simpósio de Curitiba e a escolha do Prof. Georges Bertrand, como expositor, revelou a opção dos seus organizadores: debater novos paradigmas para a Geografia Física.

Nesse sentido, o Prof. Bertrand foi muito feliz ao expor com "pertinência mas também com impertinência" a recentralização da Geografia Física em torno do ressurgimento do paradigma paisagem – considerado como uma "entrada sócio-cultural" possível de instrumentalizar o geógrafo para a difícil abordagem/compreensão das relações híbridas – Sociedade-Natureza -.

No Simpósio de Belo Horizonte, apesar da definição de um eixo direcionado a paisagem (Potencialidade e Uso Racional das Paisagens), considero que houve um retrocesso no debate teórico-metodológico e conceitual sobre Paisagem. Sem desconsiderar os méritos dos expositores em relação à Geografia – para ser mais preciso, em relação à Geomorfologia – a minha leitura é que os mesmos deixaram muito evidente a pouca consistência do conhecimento teórico da Ciência da Paisagem. Esta minha afirmação está respaldada na própria fala dos expositores: "honestamente, não sei o que seja paisagem". explicitou um dos participantes da Mesa sobre o tema "Potencialidade e Uso Racional das Paisagens" Nessa mesma oportunidade assistimos uma abordagem sobre problemas de erosão de vertentes (paisagem?) a partir da projeção de *slides* extraídos de livros estrangeiros!

---

<sup>11</sup> BERTRAND, G. Ecologie de l'espace géographique. Recherche pour une "science du paysage". *Compte-Rendu des Séances de la Société de Biogéographie*, n<sup>o</sup> 404-406, p. 195-205, janv. 1971

## Referências Bibliográficas:

- BAILLY, A. et al. Les concepts du paysage: problematique et representations. L'Espace Géographique. Paris, n.4, p.277-86, 1980.
- BERTRAND, G. Le paysage entre la nature et la société. R.G.P.S.O., Toulouse, v.49, p.239-58, 1978.
- BERTRAND, G. Les géographes français et leurs paysages. Annales de Géographie. Paris, v.93, n.516, mars-avr. 1984.
- BERTRAND, G. L'élément et le système. Revue Géogr. Pyrénées et du Sud-Ouest. Toulouse, v.57, p.281-90, juil./sept. 1986.
- BRAUN BLANQUET, J. Fitosociologia: bases para el estudio de las comunidades vegetales. Madrid: Blume, 1979.
- BRUNET, R. Analyse des paysages et sémiologie: éléments pour un débat. L'espace géographique, Paris, p. 120-6, 1974.
- CAUQUELIN, A. Le paysage comme enveloppe. séminaire jardins et paysages. Versailles. École Nat. Sup. Paysage, 1981.
- CHEVALIER, J. Espace de vie ou espace vécu?: l'ambiguïté et les fondements du concept d'espace vécu. L'Espace Géographique. Paris, v.1, p.68, 1974.
- DELPOUX, M. Ecosystème et paysage. R.G.P.S.O., Toulouse, v.43, p.157-74, 1972.
- FRÉMONT, A. La région, espace vécu. Paris: PUF, 1976.
- GUÉRIN, J.P. Introduction au Colloque Les Représentations en actes, Lescheraines: Inst. De Géogr. Alpine, Univ. de Grenoble, 1985. p. 5-8.
- HUMBOLDT, A. von. El cosmos: ensayo de una descripción física del mundo. Madrid: Imprenta Gaspar y Roig., 1874. v.1.
- LACOSTE, Y. A quoi sert le paysage?: qu'est-ce un beau paysage?. Hérodote, Paris, n.7, p.3-41, 1977.
- PELLETIER, Ph. Paysage et Fudo japonais: éléments pour une analyse géographique libertaire. In: Lire le paysage, lire les paysages: Colloque Univ. de Saint-Étienne. S.f.: C.T.E.R.I.C., 1984, p. 83-97.
- RACINE, J.B. La notion de paysage géographique dans la géographie française. The Canadian Geographer. Ottawa, v.2, p.149-64, 1972.
- RAFFESTIN, Cl. Théorie du réel et géographicit . Espace-Temps, Paris, v. 40-41, p. 26-31, 1989.
- ROUGERIE, G. Géographie des paysages, Paris: P.U.F., s.d. (Col. Que-sais-je?)
- ROUGERIE, G. Le paysage vu sous l'angle de sa dynamique. L'Espace Géographique. Paris, n.3, p.163-4, 1973.
- ROUGERIE, G. BEROUTCHACHVILI, N. Géosystèmes et paysages. bilan et méthodes. Paris: Armand Colin, 1991
- SANTOS, Milton. De la société au paysage: la signification de l'espace humain. Hérodote, Paris, v.9, p.66-73, 1978.
- SAUTER, G. Le paysage comme connivence. Hérodote, 16, p. 40-67, Paris, 1979.
- SMUTS, J.C.H. Holism and evolution. Londres: s.n., 1926.
- SNYTKO, V. A. A propósito de modelos espaciais-temporais dos regimes naturais de geossistemas. In: INTERNATIONAL GEOGRAPHICAL CONGRESS, 23., 1976, Irkustsk. Anais... Irkustsk: s.n., 1976, p. 31-53.

- SOCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. Métodos em Questão, São Paulo, v.16, p.1-52, 1977.
- TRICART, J. Paisagem & ecologia. São Paulo: IGEOG-USP, 1981.
- TROLL, C. Landscape ecology. Delft: Publ. UNESCO, 1966.
- WIEBER, J.C. Histoire et bilan de l'étude des paysages au cours des vingt dernières années (quelques aperçus). Bulletin de l'Association de Géographes Français, Paris, p. 139-40, 1987.
- WIEBER, J.C. Le paysage. questions pour un bilan. Bulletin de l'Association de Geographes Français, Paris, p.145-55, 1987.